

OS PROJETOS DE EXTENSÃO CURRICULARIZADA NO PROCESSO FORMATIVO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: uma experiência do IFMA Campus São Luís Maracanã

Davi Carlos Martins Santana ¹

Flávia Alexandra Pereira Pinto ²

Rita de Cássia Gomes Nascimento ³

RESUMO

A extensão universitária, concebida como um dos pilares fundamentais da formação superior no Brasil (Gadotti, 2017), configura-se como prática educativa dialógica e transformadora, representa um conjunto de atividades científicas e culturais, que favoreça o diálogo e integração entre a prática acadêmica e os saberes populares. O presente relato de experiência apresenta os resultados do Projeto de Extensão Curricularizada “Gincana Pedagógica: sensibilização ambiental na Unidade Integrada Arimatéia Cisne”, realizado pelos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo Terminalidade Ciências da Natureza do IFMA Campus São Luís Maracanã. O projeto teve como proposta aproximar os conteúdos de Ciências da Natureza na realidade da comunidade escolar, utilizando o ecossistema do manguezal como eixo temático. O projeto foi concebido a partir do diagnóstico realizado na etapa do Tempo Comunidade, que indicou dois desafios recorrentes: a ausência de aulas práticas e metodologias significativas no ensino de Ciências, além da dificuldade de realizar atividades fora do espaço escolar, devido à insegurança na comunidade. Diante desse cenário, foram planejadas oficinas com jogos, experimentos, rodas de conversa, místicas e dinâmicas participativas, todas desenvolvidas no ambiente escolar. A metodologia, fundamentada em Paulo Freire (1996), Ausubel (2003) e Caldart (2008), favoreceu uma abordagem interdisciplinar, contextualizada e integradora. O Projeto de Extensão possibilitou a articulação entre conhecimento científico e saberes populares, gerando engajamento, sensibilização ambiental, apropriação dos conteúdos científicos e fortalecimento de atitudes a favor da natureza. A escolha do tema manguezal mostrou-se adequada, considerando a relação histórica e cultural da comunidade com o ecossistema. Para os licenciandos, a experiência proporcionou um primeiro exercício da docência contextualizada no âmbito do campo, evidenciando a importância das práticas extensionistas na formação crítica, ética e comprometida com os territórios. O projeto demonstrou que, mesmo diante de limitações de recursos, é possível promover uma aprendizagem significativa e transformadora.

Palavras-chave: Projeto de Extensão, Educação do Campo, Tempo Comunidade, Curricularização da Extensão.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo Terminalidade Ciências da Natureza do Instituto Federal do Maranhão-IFMA Campus São Luís Maracanã; Pesquisador vinculado ao NEDu/IFMA; Bolsista do Projeto de Iniciação à Docência (Projeto Licenciar IFMA), davizinhos123@gmail.com;

² Professora de Educação; Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, flavia.pereira@ifma.edu.br;

³ Professora de Educação do IFMA, Campus São Luís Maracanã; Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Diversidade e Prática Docente (NEDu/IFMA Maracanã); E-mail: rita.nascimento@ifma.edu.br.





INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência refere-se ao desenvolvimento do Projeto de Extensão intitulado “Gincana Pedagógica: sensibilização ambiental na Unidade Integrada Arimatéia Cisne, zona rural de São Luís/MA”, realizado por uma equipe extensionista de discentes do curso Licenciatura em Educação do Campo com Terminalidade em Ciências da Natureza do Instituto Federal do Maranhão - Campus São Luís Maracanã. A ação extensionista foi realizada na Unidade Integrada Arimatéia Cisne, situada no bairro da Estiva, zona rural de São Luís/MA, e teve como público-alvo os estudantes do 7º ano do ensino fundamental. A proposta foi elaborada a partir da necessidade de aproximar os conteúdos curriculares de Ciências da Natureza da realidade local dos estudantes, utilizando o ecossistema do manguezal como eixo temático central.

O projeto objetivou desenvolver, por meio de atividades pedagógicas interativas e lúdicas, a sensibilização ambiental dos alunos em relação à preservação dos recursos naturais presentes no território em que vivem. A escola selecionada apresenta uma estrutura física satisfatória e conta com alguns recursos pedagógicos e espaços acessíveis.

A comunidade da Estiva enfrenta desafios significativos, com a presença de fatores externos que dificultam a execução contínua de atividades pedagógicas. Devido à violência presente na comunidade, certas atividades são frequentemente suspensas. Isso reflete uma das dificuldades enfrentadas pela escola, no contexto de insegurança, que limita a execução de práticas pedagógicas significativas.

O objetivo geral deste projeto de extensão constituiu-se em sensibilizar os estudantes do 7º ano do ensino fundamental da Unidade Integrada Arimatéia Cisne sobre a relevância do manguezal, ambiente no qual a comunidade está inserida. Buscou-se enfatizar suas funções ecológicas, sociais e econômicas, bem como a necessidade de sua preservação no contexto ambiental local.

A proposta surgiu da análise de elementos centrais observados no momento diagnóstico realizado na Escola: a ausência de aulas práticas e de experiências significativas no ensino de Ciências da Natureza, que se apresenta com predomínio de uma abordagem tradicional, centrada na transmissão mecânica de conteúdos. Além disso, a dificuldade de realizar atividades pedagógicas fora do ambiente escolar devido à insegurança na comunidade, agravada por situações de violência que comprometem a livre circulação dos estudantes.





Diante desse cenário, o projeto teve como finalidade criar um espaço de aprendizagem inovador, fundamentado em metodologias capazes de aproximar os conteúdos escolares da vivência concreta dos alunos, valorizando o território em que vivem e ampliando as possibilidades de construção do conhecimento de forma participativa.

A gincana ecológica, estruturada como parte principal do projeto, foi concebida como uma ação de intervenção que permitisse, ao mesmo tempo, abordar os conteúdos científicos previstos no currículo de forma interdisciplinar e desenvolver competências socioambientais nos estudantes, por meio de jogos, místicas, experimentos científicos e atividades práticas realizadas no ambiente seguro da escola.

Assim, buscou-se integrar o ensino de Ciências à prática pedagógica contextualizada, ao mesmo tempo em que se sugeriu ao corpo docente da escola, metodologias alternativas para o ensino de Ciências, superando a lógica da educação bancária (Freire, 1996) e estimulando a adoção de estratégias que favoreçam o protagonismo discente e a aprendizagem significativa.

METODOLOGIA

O projeto buscou responder a duas situações observadas durante as visitas realizadas durante o diagnóstico: a ausência de práticas pedagógicas significativas no ensino de Ciências, marcadas por uma abordagem tradicional e mecânica e as limitações de segurança da comunidade escolar, que inviabilizavam atividades ao ar livre, especialmente em áreas próximas ao manguezal. Complementando essa abordagem, optou-se pelo uso de metodologias ativas, que rompem com a centralidade do professor e promovem o protagonismo estudantil.

Diante desse cenário, as ações propostas se concentraram em criar oportunidades de aprendizagem ativa e reflexiva, mesmo dentro da estrutura da escola, por meio de rodas de conversa e de uma gincana ecológica planejada com foco na participação de jogos lúdicos e experimentos científicos. Essa perspectiva se concretizou na escolha de iniciar as atividades com uma roda de conversa, espaço em que os alunos puderam expressar seus conhecimentos prévios, suas experiências com o manguezal e suas percepções sobre os problemas ambientais da comunidade.

Essa escuta orientou o planejamento das ações seguintes, respeitando os princípios da Pedagogia Freireana (1996), apresentando aos estudantes os conceitos fundamentais sobre o Manguezal. Durante a intervenção, promoveu-se a sensibilização em relação aos impactos





ambientais que afetam esse ecossistema; estimulou-se, também, o trabalho em equipe e o desenvolvimento de atitudes pró-ambientais no espaço escolar, através de uma diversidade de estratégias utilizada para viabilizar a oficina pedagógica, pensou-se em atividades lúdicas, jogos educativos, experimentos científicos e místicas desenvolvidas com os estudantes.

Esses recursos foram selecionados de forma estratégica, priorizando materiais acessíveis, reutilizáveis e que dialogassem com a realidade socioambiental da comunidade escolar, foram utilizados diversos materiais didáticos que contribuíram para dinamizar as ações e favorecer a aprendizagem significativa dos estudantes. As imagens impressas sobre os impactos ambientais no manguezal, bem como as fotografias da fauna e flora, serviram como recurso visual para o “jogo da memória ecológica” e para momentos de reflexão sobre a importância da preservação dos ecossistemas costeiros. O mapa do estado do Maranhão foi empregado na “mística do mapa”, atividade voltada à contextualização territorial e cultural do tema. Além disso, cartolinas, papelão e papel A4 foram utilizados como base para a confecção de jogos e painéis, enquanto canetas, lápis e folhas serviram para o registro das produções e transcrições das músicas ecológicas trabalhadas.

A mística possui um papel fundamental na articulação entre os conteúdos trabalhados e os valores humanos e sociais implicados. Diante disso, foram realizadas místicas ao longo das oficinas na Unidade Integrada Arimatéia Cisne, ambas concebidas como momentos pedagógicos capazes de provocar reflexão, pertencimento e diálogo com a realidade vivida pelos estudantes. A mística, no contexto da Educação do Campo, não se resume a uma mera performance estética ou introdutória. Conforme aponta Ademar Bogo (2012), a mística é uma prática simbólica e coletiva que articula emoção, razão e ação na formação dos sujeitos do campo, sendo uma ferramenta potente de formação política, cultural e afetiva. Ela visa despertar o sentido profundo da experiência educativa, promovendo o enraizamento do saber no território, na memória e na luta dos povos do campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Extensão Universitária, concebida como um dos pilares fundamentais da formação superior no Brasil, representa mais que um conjunto de ações acadêmicas extramuros, uma prática educativa, dialógica e transformadora. Segundo Moacir Gadotti (2017), a extensão é uma via de mão dupla, em que o saber acadêmico encontra o saber popular, promovendo uma troca viva de experiências que enriquece tanto a universidade quanto a comunidade. A Curricularização da Extensão, prevista no Plano Nacional de Educação (2014-2024),





estabelece a obrigatoriedade de ao menos 10% da carga horária dos cursos de graduação ser composta por atividades extensionistas, com ênfase em áreas de grande pertinência social.

Essa diretriz reafirma a extensão universitária como um processo indissociável do ensino e da pesquisa, como propõe a Constituição Federal de 1988 (art. 207) e reforça a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). Para Gadotti (2017), a extensão universitária não pode mais ser compreendida sob uma ótica assistencialista, que leva conhecimento a quem não o tem, mas como uma ação comunicativa e emancipadora, fundamentada na teoria freiriana de que todo conhecimento se constrói na interação entre sujeitos, por meio da escuta, do diálogo e da problematização da realidade.

A experiência extensionista torna-se um espaço privilegiado de formação cidadã e crítica, pois coloca os educandos em contato direto com os desafios e as potências do território em que atuam. Ao mesmo tempo, convida a universidade a repensar seu próprio papel social, estimulando práticas pedagógicas mais contextualizadas e democráticas.

A proposta pedagógica da Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) fundamenta-se na valorização dos sujeitos, saberes e territórios camponeses, defendendo uma prática educativa contextualizada, democrática e transformadora. Nesse sentido, a escola do campo não deve reproduzir os modelos urbanos e tradicionais de ensino, mas valorizar o conhecimento científico articulado às práticas sociais das comunidades rurais. Segundo Caldart (2008), educar no e para o campo exige reconhecer o território como espaço de vida, luta e produção cultural, política e ambiental, o que implica uma abordagem interdisciplinar, crítica e comprometida com a realidade concreta dos sujeitos.

Segundo Paulo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para que os educandos se tornem sujeitos de sua própria aprendizagem, a partir da problematização da realidade em que vivem. A prática pedagógica deve partir da escuta dos estudantes, considerando seus saberes prévios e suas experiências como ponto de partida para a construção do conhecimento. Essa escuta ativa articula-se ao compromisso com a transformação da realidade. O projeto de extensão aqui relatado dialoga com essa concepção: nasceu de um diagnóstico pedagógico em uma escola situada no campo, propôs uma intervenção educativa baseada em metodologias ativas, e fortaleceu o compromisso ético-político dos futuros docentes com a realidade concreta de suas comunidades.

No que tange o Projeto de Extensão desenvolvido na Unidade Integrada Arimatéia Cisne, essa perspectiva se concretizou na escolha de iniciar as atividades com uma roda de conversa, espaço em que os estudantes puderam expressar seus conhecimentos prévios, suas experiências com o manguezal e suas percepções sobre os problemas ambientais da





comunidade. Essa escuta orientou o planejamento das ações seguintes, respeitando os princípios da Pedagogia Freiriana de que o educador deve ensinar a partir da realidade dos educandos.

Essa mesma orientação alinha-se à teoria da aprendizagem significativa proposta por David Ausubel (2003), que afirma que um novo conhecimento se torna verdadeiramente assimilado quando se conecta às estruturas cognitivas já existentes. Logo, a aprendizagem é significativa, quando trabalhada a partir dos pontos de ancoragem dos estudantes, permite diálogo entre vivência e aprendizagem. Tais conceitos foram considerados a partir das palavras-chave levantadas na roda de conversa e dos relatos espontâneos dos estudantes sobre o manguezal, possibilitando organizar conceitos científicos de forma articulada e compreensível, permitindo uma aprendizagem engajada.

Optou-se pelo uso de metodologias ativas, que rompem com a centralidade do professor e promovem o protagonismo estudantil. As atividades propostas, como a gincana ecológica, os experimentos em sala e as dinâmicas de perguntas e respostas, proporcionaram aos alunos não apenas o acesso ao conteúdo, mas a oportunidade de interagir, cooperar e construir coletivamente o conhecimento. Assim, ao integrar os princípios da Educação do Campo, da Pedagogia Freiriana, da Teoria da Aprendizagem Significativa e das metodologias ativas, o projeto não apenas proporcionou uma experiência formativa aos estudantes da Unidade Integrada Arimatéia Cisne, como também reafirmou o compromisso da universidade pública com práticas pedagógicas emancipatórias e socialmente relevantes.

Dessa forma, o projeto de extensão desenvolvido pelos acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação do Campo representou, na prática, a materialização de princípios teóricos fundamentais para uma educação emancipadora. Foi possível construir um processo formativo ancorado na realidade do território, no protagonismo estudantil e na integração entre ciência e vivência, ao se articular as contribuições de Caldart (2008), Freire (1996) e Ausubel (2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade da Estiva, situada na zona rural do município de São Luís (MA), carrega traços marcantes da formação histórica de bairros periféricos que se desenvolveram a partir de processos de ocupação popular. Localizada às margens da BR-135, a região combina características do campo e da cidade, com forte presença de áreas de manguezal e significativa vulnerabilidade social. Seu processo de ocupação remonta a práticas de





resistência territorial, com o estabelecimento de famílias que historicamente enfrentam a precariedade de políticas públicas essenciais, como saneamento, segurança e infraestrutura educacional.

A Unidade Integrada Arimatéia Cisne, escola de educação básica em que foi realizada a intervenção, atende majoritariamente estudantes residentes na própria comunidade. Embora disponha de uma estrutura física adequada, a escola enfrenta dificuldades no desenvolvimento de práticas pedagógicas mais significativas. A ausência de professores efetivos em algumas disciplinas, aliada à realidade da violência e ao medo constante que paira sobre a região, compromete a continuidade de projetos que demandam circulação livre pelo território, como aulas de campo e atividades em espaços abertos.

Nesse cenário, o projeto de extensão se constituiu como proposta educativa e crítica às condições concretas da comunidade, ao escolher o manguezal como tema central e ao propor atividades dentro da própria Escola. O bairro Estiva é uma das regiões com maior concentração de área florestal. São 2.041 hectares de concentração de área verde no sul da ilha de São Luís, com caminhos que levam à mata nativa e aos animais silvestres que compõem o Parque Ambiental da Alumar.

A turma 7º ano do ensino fundamental da Unidade Integrada Arimatéia Cisne, turma composta por um total de 21 estudantes, sendo 11 meninos e 10 meninas. A média de idade dos estudantes gira em torno de 12 a 13 anos, correspondendo à faixa etária típica dessa etapa escolar. Observou-se um grupo heterogêneo, com diferentes níveis de participação, mas com boa receptividade às propostas pedagógicas. A maioria dos discentes demonstrou interesse nos temas abordados, especialmente quando relacionados à vivência comunitária e às práticas ambientais presentes em seu cotidiano. A turma, embora inserida em um contexto de vulnerabilidade social, revelou grande potencial de engajamento quando mobilizada por atividades interativas, colaborativas e contextualizadas.

A partir dessas observações, foram planejados dois momentos com a turma: num primeiro momento, uma roda de conversa inicial com os alunos para diagnosticar os conhecimentos prévios sobre o ecossistema do manguezal e estabelecer vínculos entre o conteúdo escolar e suas vivências comunitárias; em seguida, a escuta dos relatos dos estudantes sobre suas experiências com o manguezal, identificando percepções locais sobre o ambiente e seus usos sociais.

O primeiro passo para a realização da educação ambiental deve ser a identificação das representações das pessoas envolvidas no processo educativo [...] cada pessoa o delimita em função de suas representações, conhecimentos específicos e experiências cotidianas nesse mesmo tempo e espaço (REIGOTA, 2010, p. 14).





A partir disso, foram levantadas palavras-chave que orientaram a organização dos conteúdos que foram desenvolvidos, em seguida foram apresentados os conceitos relacionados à reciclagem, reutilização e redução do consumo, relacionando-os ao contexto ambiental da comunidade escolar. Foram trabalhados os aspectos científicos do manguezal enquanto bioma de relevância ecológica, abordando sua biodiversidade, sua função ambiental e os impactos do desmatamento e da poluição. A roda de conversa foi finalizada com uma atividade pedagógica de perguntas e respostas, com o intuito de revisar os conteúdos abordados de forma lúdica: a “caixa de perguntas”, contendo 35 questionamentos sobre os temas ambientais tratados nas oficinas.

Os estudantes sortearam um papel da caixa e o repassavam ao colega seguinte, promovendo um circuito de leitura, reflexão e resposta. As perguntas foram elaboradas de forma a dialogar com as imagens dos impactos ambientais (imagens de poluição no mangue, desmatamento e apropriação territorial ilegal), estimulando a associação entre os conteúdos trabalhados e as experiências dos alunos. Conforme planejado pela equipe extensionista, observou-se que a dinâmica favoreceu o protagonismo dos alunos no momento da leitura, uma boa interpretação de texto nas respostas, bem como a articulação de ideias e a construção coletiva de saberes, seguindo os princípios freirianos (Freire, 1996) de diálogo e problematização da realidade.

No âmbito experimental, a atividade intitulada “filtro do mangue” contou com materiais simples, como uma garrafa plástica, algodão (simbolizando as raízes do manguezal), barro, lama, terra, folhas secas e serragem. Na realização do experimento, a água misturada com impurezas foi utilizada para simular a poluição e, por meio do processo de filtragem, os alunos puderam observar a função natural do mangue na retenção de resíduos e purificação da água, um experimento que uniu ciência e sensibilização ambiental de forma prática.

Experimento (Filtro do Mangue)





Fonte: Própria (2025)

As atividades lúdicas e a gincana pedagógica fizeram uso de materiais recicláveis trazidos pelos próprios alunos, como garrafas, tampas, papéis e plásticos, incentivando o reaproveitamento e a responsabilidade ecológica. Também foram disponibilizados itens para o “Bazar Solidário”, como livros, canetas, lápis e pequenos objetos domésticos, promovendo cooperação e sustentabilidade. Lixeiras improvisadas e prêmios simbólicos complementam as dinâmicas, fortalecendo a interação e o engajamento coletivo durante as atividades.

Por fim, nas místicas pedagógicas e na atividade musical, utilizou-se uma caixa de som para reprodução da canção “*Natureza, Manguezais*” (Projeto Mar à Vista), estimulando a percepção auditiva e a interpretação das mensagens ecológicas presentes na letra da canção. O espaço foi organizado em círculo, com carteiras afastadas, criando um ambiente acolhedor e colaborativo. Itens cenográficos simples, como as próprias imagens do manguezal e itens do bazar simbólico foram dispostos ao redor do mapa, compondo uma ambientação simbólica que favoreceu a sensibilização e a integração entre os participantes.

A experiência da execução do Projeto de Extensão na Unidade Integrada Arimatéia Cisne revelou-se um conjunto significativo de aprendizagens no que diz respeito aos estudantes da escola, foi evidente a apropriação dos conteúdos ambientais trabalhados, especialmente no que se refere ao ecossistema do manguezal, a importância da reciclagem e os impactos da degradação ambiental no território da Estiva. A análise dos resultados obtidos durante a execução da gincana pedagógica permitiu identificar o envolvimento dos estudantes, marcado pela curiosidade, entusiasmo e disposição em aprender de forma colaborativa.

Jogos Pedagógicos



Fonte: Própria (2025)





As atividades realizadas, como o experimento científico modelo didático de filtragem biológica do mangue, apresentação dos impactos ambientais em imagens, quiz ecológico, coleta de resíduos recicláveis, jogo da memória pedagógico, música ecológica, mística pedagógica e interpretação teatral, possibilitaram a construção de um ambiente de aprendizagem dinâmica, em que os participantes puderam relacionar conceitos científicos sobre os ecossistemas e o manguezal às suas vivências cotidianas. Essa experiência evidenciou a efetividade das metodologias ativas no contexto da Educação do Campo, corroborando Ausubel (2003), que defende que a aprendizagem se torna significativa quando o novo conhecimento é ancorado nas experiências prévias dos sujeitos.

Observou-se, ainda, que a gincana contribuiu para o fortalecimento da sensibilização ambiental e da interdisciplinaridade, uma vez que integrou saberes das áreas de Ciências da Natureza de forma contextualizada à realidade local. Essa articulação teórico-prática é defendida por Caldart (2012), que propôs como princípio da Educação do Campo: uma pedagogia enraizada nas práticas culturais e produtivas das comunidades, orientada pela valorização do território e pelo diálogo com os saberes populares.

Nesse sentido, o processo educativo extrapolou o espaço formal da sala de aula e consolidou-se como um momento de construção coletiva do conhecimento, onde o campo se tornou, simultaneamente, cenário e conteúdo do processo ensino-aprendizagem. Além disso, o projeto promoveu um espaço de socialização de saberes e de fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade, reafirmando a importância da extensão universitária como prática educativa transformadora. As ações extensionistas contribuíram não apenas para processo o processo formativo dos licenciandos e dos estudantes da Unidade Integrada Arimatéia Cisne, mas também para o despertar de uma consciência ambiental crítica, conectada à realidade socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas, pautadas em metodologias ativas e em uma abordagem interdisciplinar, possibilitaram a ampliação da percepção ambiental dos alunos, fortalecendo vínculos com o território e contribuindo para a compreensão crítica dos impactos socioambientais que afetam o ecossistema em pauta. O uso de estratégias diversificadas, como rodas de conversa, experimentos científicos, jogos, atividades musicais e místicas pedagógicas, favoreceram o protagonismo discente e promoveram a construção de aprendizagens contextualizadas para todos os estudantes envolvidos.





A experiência representou um espaço privilegiado de exercício da docência, permitindo o aprimoramento de competências relacionadas ao planejamento, à mediação pedagógica e à avaliação de processos educativos. A convivência com a realidade escolar da zona rural de São Luís/MA reforçou a necessidade de uma formação docente comprometida com a diversidade territorial, com a escuta dos sujeitos e com a superação de práticas tradicionais centradas na transmissão mecânica de conteúdos.

Dessa forma, o projeto reafirmou o papel da extensão universitária como componente indissociável do ensino e da pesquisa, contribuindo para a formação de profissionais críticos, reflexivos e socialmente engajados na Educação Básica. Trabalhar conteúdos curriculares vinculados à vivência concreta dos alunos permitiu não apenas o fortalecimento da aprendizagem, mas também a valorização dos saberes populares, da oralidade e da memória comunitária, elementos centrais na perspectiva de uma educação contextualizada.

Cabe salientar que, diante dos resultados alcançados, considera-se pertinente sugerir à gestão da escola a continuidade de práticas pedagógicas contextualizadas, que valorizem os saberes dos alunos e explorem temas ambientais vinculados ao território onde vivem. A incorporação de oficinas e atividades experimentais no planejamento das atividades de ensino podem contribuir para a construção de aprendizagens mais significativas. Além disso, recomenda-se o fortalecimento da formação continuada dos docentes, especialmente no que diz respeito ao uso de metodologias inovadoras e à educação ambiental.

À comunidade escolar, sugere-se que os conhecimentos adquiridos durante a intervenção extensionista sejam socializados em outros espaços, como reuniões de pais, feiras escolares e ações de mobilização local, promovendo o envolvimento coletivo em torno da preservação do manguezal e de práticas sustentáveis. A valorização das experiências locais, como as vivências dos estudantes com o ecossistema costeiro, pode constituir uma base potente para a construção de uma identidade ecológica territorial.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Centauro, 2003.

BOGO, Ademar. Mística. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos de (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 473-478.

BRIGHENTI, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1, p. 155-177, jan./abr. 2016.





CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária na perspectiva da educação popular. São Paulo: Instituto Paulo Freire, fev. 2017.

PROJETO MAR À VISTA. Natureza, Manguezais. Intérpretes: Beatriz Vilata, Álvaro Tinto, Keila Missue, Yandra Trindade, Adevaldo Oliveira, Nátaia Ferreira, GDX. Álbum: Cantando Com Mar à Vista. [S.l.]: YouTube, 2024. 1 vídeo (duração desconhecida). Disponível em: <https://youtu.be/D7oKByRn85g?feature=shared>. Acesso em: 18 abr. 2025.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

